A METAMORFOSE

de Franz Kafka
(1883 – 1924)

Resumo da Narrativa

Segundo as cartas que escreveu a sua noiva Felice Bauer, Franz Kafka escreveu a novela *"Die Verwandlung"*, normalmente traduzida no Brasil por "A Metamorfose", mas que Otto Maria Carpeaux manda verter por "A Transformação", entre 17 de novembro e 7 de dezembro de 1912. Uma das poucas obras publicadas em vida, "A Metamorfose" apareceu pela primeira vez na revista *"Die weissen Blätter"*, dirigida por René Schickele em 1915 e, em novembro do ano seguinte, na prestigiosa coleção expressionista *"Der jungste Tag"* da Kurt Wolff Verlag. Houve reedição em 1918. Segundo suas próprias palavras, a "Metamorfose" é *"uma história repulsiva"*, *"uma pequena história"* e uma história com o *"fim ilegível"*. Se tivessem vingado os planos de Kafka, *"Die Verwandlung"* teria sido publicada junto com *"Das Urteil"* ("O Veredicto") e com *"Der Heizer"* ("O Foguista"), capítulo inicial do romance *"Der Verschollene"* ("O Desaparecido"), no volume único *"Söhne"* ("Fillhos").

I

> *"Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranqüilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso*[1]*. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.*
> *- O que aconteceu comigo? – pensou.*
> *Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos – Samsa era caixeiro-viajante -, pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dourada. Representava uma dama de chapéu de pele e boá de pele que, sentada em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.*
> *O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela e o tempo turvo – ouviam-se gotas de chuva batendo no zinco do parapeito – deixou-o inteiramente melancólico."* (págs 7-8)

Gregor Samsa está deitado de costas na sua própria cama, no seu quarto de três portas, uma para o corredor e duas para os quartos laterais, no apartamento onde mora com seus pais e irmã, em Praga, na rua Charlotte, do lado oposto a um hospital. Seu pai envelhecido, obeso e frustrado, não trabalha há cinco anos, desde a falência da firma; sua mãe é doente de asma e, sua irmã de dezessete anos, Grete, *"ainda*

---

[1] No original está marcado: *"Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheuregen Ungeziefer verwandelt."* A expressão "*Ungeziefer*" significa "praga" ou "inseto sugador de sangue."

uma criança", é talentosa violinista sem meios de freqüentar o conservatório. A família tem uma cozinheira, Ana, e uma empregada. Gregor está em casa há oito dias, intervalo entre duas viagens de negócios.

Gregor pergunta-se se não deveria voltar a dormir e esquecer "aquela bobagem toda", mas sua nova condição o impede de dormir, porque estava acostumado a dormir do lado direito. Também não consegue levantar da cama para ir trabalhar como caixeiro viajante e dá-se conta do quanto odeia o seu trabalho, que só ainda não abandonou porque tem de pagar a dívida que seus pais têm junto ao patrão:

> *"Bem, ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais – deve demorar ainda de cinco a seis anos – vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura. Por enquanto, porém, tenho de me levantar, pois meu trem parte às cinco."* (pág. 9)

Samsa confere o despertador e dá-se conta de que ele havia perdido a hora e o trem das cinco, mas poderia tentar pegar o das sete, embora a essa altura o contínuo da firma, *"uma criatura do chefe, sem espinha dorsal e sem discernimento"*, já teria avisado o chefe de que ele não aparecera para o embarque. Tenta levantar novamente. Em cinco anos de serviço ainda não havia ficado doente. Samsa ouve sua mãe despertando-o com batidas na porta e fica chocado com o som da sua própria voz dizendo *"sim, sim, obrigado, mãe, já vou me levantar."* Seu pai bate em uma das portas laterais, pedindo que se levante. Sua irmã Grete também o chama da outra porta lateral. Agradecendo o hábito de trancar as portas adquirido nas suas viagens, Gregor tenta dizer-lhes, como pode, que está a caminho, mas não é de forma nenhuma compreendido. Está com mais fome que o habitual.

Gregor continua a rolar de um lado para o outro tentando sair da cama, quando a campainha toca.

> *" – É alguém da firma – disse a si mesmo e quase gelou, enquanto as perninhas dançavam mais rápidas por causa disso.*
> *Durante um momento ficou tudo silencioso.*
> *- Eles não vão abrir – disse Gregor consigo mesmo, preso a alguma esperança absurda.*
> *Mas aí a empregada, natural como sempre, caminhou com passos firmes até a porta e abriu. Gregor só precisou ouvir a primeira palavra de saudação do visitante para saber quem era – o gerente em pessoa. Por que Gregor estava condenado a servir numa firma em que à mínima omissão se levantava logo a máxima suspeita? Será que todos os funcionários eram sem exceção vagabundos? Não havia, pois, entre eles nenhum homem leal e dedicado que, embora deixando de aproveitar algumas horas da manhã em prol da firma, tenha ficado louco de remorso e literalmente impossibilitado de abandonar a cama? Não bastava realmente mandar um aprendiz ir perguntar – se é que havia necessidade desse interrogatório? Tinha de vir o próprio gerente, era preciso mostrar com isso à família inteira – inocente – que a investigação desse caso suspeito só podia ser confiada à razão do gerente? E mais por causa da excitação a que foi levado por essas reflexões do que em conseqüência de uma decisão de verdade, Gregor se atirou com toda a força para fora da cama. Houve uma pancada alta, mas não propriamente um estrondo. A queda foi um pouco atenuada pelo tapete, mas as costas também eram mais elásticas do que Gregor havia pensado – daí o som surdo que não chamava tanto a atenção. Ele só não tinha sustentado a cabeça com cuidado suficiente e por isso havia batido com ela; de raiva e dor, virou-a e esfregou-a no tapete.*
> *- Caiu alguma coisa lá dentro – disse o gerente no aposento vizinho da esquerda."* (págs. 15-16)

Do lado de fora do quarto, a irmã e o pai de Gregor, cada um de um lado, continuam suas tentativas de fazê-lo abrir a porta. Sua mãe explica ao gerente que Gregor está doente, que nunca descansa e que, na sua dedicação ao trabalho, só lê folhetos com horários de trem.

> *“ – Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. Senão como Gregor perderia um trem? Esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma. Eu quase me irrito por ele nunca sair à noite; agora esteve oito dias na cidade, mas passou todas as noites em casa. Fica sentado à mesa conosco e lê em silêncio o jornal ou estuda horários de viagem.”* (pág. 17)

O gerente fala alto da sala, acusando-o de se entrincheirar no quarto, de causar preocupações sérias e desnecessárias aos pais e de descurar de seus deveres funcionais *“de uma maneira inaudita”*: *“Estou perplexo, estou perplexo. “* Menciona desconfianças do chefe quanto às “omissões” recentes e o trabalho insatisfatório de Gregor estarem ligados a eventuais desfalques na firma e que aquela atitude iria reforçar. O pai pergunta a Gregor se o gerente pode entrar no seu quarto: *“Não – disse Gregor. No cômodo vizinho da esquerda sobreveio um silêncio penoso, no aposento contíguo da direita a irmã começou a soluçar.”*

Samsa, no seu quarto, diz ao gerente que ele tem apenas um mal estar, de que tinha tido um prenúncio na noite anterior, e que pegará o trem das oito. Pede-lhe que poupe os pais daquela insistência e manda recomendações ao chefe.

> *“ – Entenderam uma única palavra? – perguntou o gerente aos pais. – Será que ele não nos está fazendo de bobos?*
> *- Pelo amor de Deus! – exclamou a mãe já em lágrimas. – Talvez ele esteja seriamente doente e nós o atormentamos. Grete! Grete! – gritou então.*
> *- Mamãe? – bradou a irmã do outro lado.*
> *Elas se comunicavam através do quarto de Gregor.*
> *- Vocâ precisa ir imediatamente ao médico. Gregor está doente. Vá correndo ao médico. Você ouviu Gregor falar, agora?*
> *- Era uma voz de animal – disse o gerente, em voz sensivelmente mais baixa, comparada com os gritos da mãe.”* (págs. 21-22)

A mãe de Samsa cogita de ele estar realmente doente e pede a Grete que vá buscar um médico. O pai, por sua vez, manda a cozinheira Ana buscar um serralheiro. As duas atravessam a sala correndo e juntas ganham a rua. Gregor fica feliz em saber que a família está se preocupando com ele.

> *“A confiança e a certeza com que foram tomadas as primeiras decisões fizeram-lhe bem. Sentiu-se novamente incluído no círculo dos homens e passou a esperar do médico e do serralheiro – sem propriamente separá-los – desempenhos excepcionais e surpreendentes. A fim de ficar com a voz o mais clara possível para as conversações decisivas que se aproximavam, tossiu um pouco, esforçando-se entretanto para fazer isso de um modo bem abafado, uma vez que até esse ruído possivelmente soava diferente de uma tosse humana, coisa que ele mesmo já não ousava decidir. Nesse meio tempo fez-se completo silêncio no aposento ao lado. Talvez os pais estivessem sentados à mesa com o gerente e cochichassem, talvez estivessem todos curvados sobre a porta, escutando.”* (págs. 22-23)

Gregor gira a chave da porta da sala de estar com as mandíbulas, sem perceber que *“estava causando uma lesão a si mesmo, pois um líquido marrom saiu da sua boca, escorreu sobre a chave e pingou no chão.” “Ouçam – disse o gerente no cômodo vizinho – ele está girando a chave.”* Em seguida, ele tenta abrir as duas folhas. A operação é difícil para as suas condições. Quando consegue abrir uma delas, é entrevisto primeiro pelo gerente e depois por seus pais.

> *“Estava ainda ocupado com essa manobra difícil, sem ter tido tempo para atentar em outra coisa, quando ouviu o gerente soltar um ‘oh’ alto – soava como o vento que zune – e então Gregor o viu também: era o mais próximo da porta e comprimia a mão sobre a boca, enquanto recuava devagar, como se o impelisse uma força invisível que continuasse agindo de modo constante. A mãe – apesar da presença do gerente, ela estava ali com os cabelos ainda desfeitos pela noite, espetados para o alto – a princípio fitou o pai com as*

mãos entrelaçadas, depois deu dois passos em direção a Gregor e caiu no meio das saias que se espalharam ao seu redor, o rosto totalmente afundado no peito. O pai cerrou o punho com expressão hostil, como se quisesse fazer Gregor recuar para dentro do quarto, depois olhou em volta de si, inseguro, na sala de estar, em seguida cobriu os olhos com as mãos e chorou a ponto de sacudir o peito poderoso." (pág. 24)

Com meio corpo fora do quarto, segurando a segunda folha da porta, Gregor fala na direção da sala de estar:

" – Bem – disse Gregor, consciente de que era o único que havia conservado a calma -, vou logo me vestir, pôr o mostruário na mala e partir de viagem. Vocês querem mesmo me fazer partir? Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso e que gosto de trabalhar; viajar é fatigante, mas não poderia viver sem viajar. Para onde o senhor vai, senhor gerente? Para a firma? Sim? O senhor vai relatar tudo fielmente? Pode-se no momento estar incapacitado para trabalhar, mas essa é a hora certa para se lembrar das realizações passadas e para se pensar que mais tarde, uma vez superados os obstáculos, sem dúvida se vai trabalhar com mais afinco e forças mais concentradas. Devo muita obrigação ao senhor chefe, isso o senhor sabe muito bem. Tenho por outro lado de cuidar dos meu pais e da minha irmã. Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando. Não me torne porém as coisas mais difíceis do que já são. Tome o meu partido na firma! Que o caixeiro-viajante não é querido eu sei. Todos pensam que ele ganha rios de dinheiro e além disso leva uma boa vida. Não se tem de fato nenhuma oportunidade especial para se analisar melhor esse preconceito. Mas o senhor, gerente, o senhor tem sobre as coisas, cá entre nós, uma visão de conjunto melhor do que o resto do pessoal, melhor até do que o próprio senhor chefe, que na qualidade de empresário se deixa enganar facilmente no seu julgamento em prejuízo do funcionário. O senhor sabe muito bem que o caixeiro-viajante, que fica quase o ano inteiro fora da firma, pode assim se tornar facilmente vítima de mexericos, casualidades e queixas infundadas, contra as quais é completamente impossível se defender, uma vez que na maioria das vezes ele não fica sabendo delas e só o faz quando, exausto, termina uma viagem e já em casa sente na própria carne as conseqüências nefastas cujas origens não podem mais ser descobertas. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra capaz de mostrar que o senhor me dá pelo menos uma pequena parcela de razão! (págs. 25-26)

O gerente está na ante-sala de costas para Gregor e só lhe dirige o olhar *"por cima dos ombros trêmulos, com os lábios revirados"*, enquanto avança discretamente para a porta de saída. Gregor não queria que ele saísse naquele estado de espírito, porque seu emprego na firma ficaria ameaçado e dele dependia o seu futuro e da sua família. *"Se pelo menos a irmã estivesse aqui,"* pensa Gregor, que acha Grete esperta para lidar com o gerente, comovendo com lágrimas *"esse amigo das mulheres."*

Gregor começa a andar em direção ao gerente, para explicar-lhe melhor, já que ele parecia não estar entendendo, mas sua mãe ao percebê-lo assusta-se.

" – Socorro! Pelo amor de Deus, socorro!
Conservava a cabeça inclinada, como se quisesse ver Gregor melhor, mas em contradição com isso retrocedia de maneira impensada; tinha esquecido que atrás dela estava a mesa ainda posta e quando a alcançou sentou-se, como que por distração, rapidamente em cima; e parecia não notar absolutamente que ao seu lado o café escorria em abundância da grande jarra virada sobre o tapete.
- Mamãe! Mamãe! – disse Gregor baixinho e olhou para ela de baixo para cima.
Por um instante o gerente sumiu do seu pensamento; por outro lado não pôde se impedir, à vista do café que escorria, de bater no vazio várias vezes com as mandíbulas. Diante disso a mãe recomeçou a gritar, escapou da mesa e caiu nos braços do pai que corria ao seu encontro. Mas agora Gregor não tinha tempo para seus pais; o gerente já estava na escada; com o queixo em cima do corrimão ele ainda olhou para trás uma última vez.

> *Gregor tomou impulso para alcançá-lo com a maior certeza possível; o gerente deve ter pressentido alguma coisa, pois deu um salto sobre vários degraus e desapareceu; ainda gritou 'ui!' e o grito ressoou por toda a escadaria. Infelizmente a fuga do gerente pareceu perturbar por completo o pai, que até então tinha estado relativamente sereno; pois em vez de correr, ele próprio, atrás do gerente, ou pelo menos não impedir Gregor de persegui-lo, agarrou com a mão direita a bengala do gerente, que este havia deixado com o chapéu e o sobretudo em cima de uma cadeira, pegou com a esquerda um grande jornal da mesa e, batendo os pés, brandindo a bengala e o jornal, pôs-se a tocar Gregor de volta ao seu quarto. Nenhum pedido de Gregor adiantou, nenhum pedido também foi entendido; por mais humilde que inclinasse a cabeça, com tanto mais força o pai batia os pés."* (págs. 28-29)

Gregor, sem prática em andar para trás, vai levando bengaladas de seu pai no trajeto hesitante para o quarto. Andando sobre suas patinhas e muito largo para passar pelo espaço de uma folha só, fica forçando passagem até que um dos seus lados escapa e se ergue, permanecendo torto na abertura da porta. Fica entalado até o pai desferir *"por trás, um golpe agora de fato possante e liberador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio."*

II

Gregor desperta do *"sono pesado, semelhante a um desmaio"* no crepúsculo. "*Tateia com as antenas, que havia aprendido a valorizar."* Está com o lado esquerdo todo dolorido e percebe que havia ferido uma "perninha" no episódio do ataque e, por causa disso, ela se arrastava com as outras. É atraído para a porta por causa do cheiro de algo comestível e encontra uma tigela de leite doce *"na qual nadavam pequenos pedaços de pão branco"*, que sua irmã havia colocado ali. Embora leite fosse seu alimento predileto, não gostou do pouco que conseguiu beber com as dificuldades produzidas por seus ferimentos. Rasteja de volta para o meio do quarto. Percebe a casa em silêncio e conclui:

> *" – Que vida tranqüila a família levava! – disse Gregor a si mesmo e sentiu, enquanto fitava o escuro diante dele, um grande orgulho por ter podido proporcionar aos seus pais e à sua irmã uma vida assim, num apartamento tão bonito. Mas como seria agora, se todo o sossego, todo o bem-estar, toda a satisfação chegasse assustadoramente ao fim? Para não se perder nesses pensamentos, Gregor preferiu pôr-se me movimento, rastejando de cá para lá no quarto*." (pág. 34)

Naquela primeira noite, as portas laterais são abertas e rapidamente fechadas, como se alguém o espionasse ou estivesse indeciso a entrar. Samsa reflete no seu quarto sobre como deveria reorganizar sua vida a partir da nova condição. Decide dormir na parte de baixo do canapé *"embora as costas ficassem um pouco prensadas e não pudesse mais erguer a cabeça. Ele logo se sentiu muito aconchegado, lamentando apenas que seu corpo fosse largo demais para se abrigar inteiramente..."*

> *"Já de madrugada – ainda era quase noite – Gregor teve oportunidade de testar a força das decisões que acabava de tomar, pois a irmã, já quase completamente vestida, abriu a porta do seu quarto que dava para a ante-sala, e olhou ansiosa para dentro. Não o descobriu logo, mas ao percebê-lo embaixo do canapé – santo Deus, em algum lugar ele havia de estar, não podia ter voado embora! – ela se assustou tanto que, incapaz de se dominar, fechou a porta outra vez por fora. Mas, como se se arrependesse do seu comportamento, abriu-a de novo imediatamente e entrou na ponta dos pés, como se fosse o quarto de um doente grave ou mesmo de um estranho. Gregor tinha esticado a cabeça até a beira do canapé e a observava. Será que ela notaria que ele nem tinha tocado o leite – e não, de forma alguma, por falta de fome?"* (pág. 36)

Grete percebe a tigela ainda cheia, a ergue com um trapo e a leva para fora do quarto. Gregor, faminto e salivando, conjectura o que ela lhe trará em substituição.

> *"Ela trouxe, para testar o seu gosto, todo um sortimento, espalhado sobre um jornal velho. Havia ali legumes já passados, meio apodrecidos; ossos do jantar, rodeados por um molho branco já endurecido; algumas passas e amêndoas; um queijo que, dois dias antes, Gregor tinha declarado intragável; um pão seco, um pão com manteiga e um pão com manteiga e sal. Além de tudo ela ainda acrescentou a tigela – provavelmente destinada de uma vez por todas a Gregor – na qual havia despejado água. E por delicadeza, pois sabia que ele não comeria na sua frente, afastou-se o mais rápido possível e até girou a chave na fechadura, para que ele fosse capaz de perceber que poderia ficar tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor zuniam quando ele foi comer."* (pág. 37)

"Rapidamente, um atrás do outro, com lágrimas de satisfação nos olhos, ele devorou o queijo, os legumes e o molho." Não comeu os alimentos frescos. Grete retorna e ele volta para baixo do canapé onde agora cabe com mais dificuldade por causa do arredondamento causado pela refeição. A moça recolhe com uma vassoura e despeja num balde os restos e a parte não comida. Grete repetiria secretamente o procedimento todos os dias, na hora em que os pais dormiam e a empregada havia sido despachada por ela com alguma incumbência.

> *"Com que desculpas o médico e o serralheiro foram mandados embora de casa, naquela manhã, Gregor não pôde ficar sabendo: visto que não era entendido, ninguém, nem mesmo a irmã, pensava que ele podia entender os outros; e assim, quando a irmã estava no seu quarto, ele tinha de se contentar em ouvir, aqui e ali, seus suspiros e invocações aos santos. Só mais tarde, quando ela havia se habituado um pouco a tudo – naturalmente não se podia nunca falar em hábito completo -, Gregor às vezes apreendia uma observação amigável ou que podia ser interpretada como tal:*
> *- Hoje, sim, ele gostou – ela dizia, quando Gregor tinha limpado para valer toda a comida; ao passo que, no caso contrário – que aos poucos se repetia numa freqüência cada vez maior -, costumava dizer quase com tristeza:*
> *- Deixou tudo outra vez."* (pág. 39)

Gregor consegue ouvir conversas espremendo-se contra a porta. *"Especialmente nos primeiros tempos não havia conversa que de algum modo não tratasse dele, mesmo em segredo."* Sempre havia alguém em casa, porque ele não podia ser deixado só no apartamento. Entre as coisas que ouviu foi a cozinheira Ana pedir encarecidamente para ser dispensada e ser atendida. A empregada, ao sair, jurou solenemente, sem que lhe tivessem pedido, jamais revelar a ninguém *"o mínimo que fosse."*

Ele ouve seu pai expondo à família a situação financeira e lembra-se de que, desde a falência ocorrida cinco anos antes, sua preocupação (de Gregor) *"tinha sido apenas fazer tudo para a família esquecer o mais rápido possível a desgraça comercial, que havia levado todos a um estado de completa desesperança. E assim começara a trabalhar com um fogo muito especial e, quase da noite para o dia, passara de pequeno caixeiro a caixeiro-viajante, que naturalmente tinha possibilidades bem diversas de ganhar dinheiro e cujos êxitos no trabalho se transformaram imediatamente, na forma de previsões, em dinheiro sonante que podia ser posto na mesa diante da família espantada e feliz."* Na verdade, Gregor havia assumido todas as despesas da família e havia até mesmo conseguido o apartamento onde a família morava. Tendo recebido retribuição afetiva apenas da irmã, Gregor estava planejando mandá-la, apesar dos custos, para um conservatório, já que ela sabia *"tocar violino de forma comovente."*

> *"Esses pensamentos, completamente inúteis no seu estado atual, passaram-lhe pela cabeça quando ele, de pé, estava colado à porta escutando. Às vezes, em virtude do cansaço geral, não conseguia de modo algum continuar ouvindo – e por descuido deixou a cabeça bater na porta; segurou-a porém imediatamente outra vez, pois mesmo o pequeno*

ruído que assim havia provocado tinha sido escutado do outro lado, e feito com que todos silenciassem.

- O que é que ele está outra vez fazendo? – disse o pai depois de um intervalo, evidentemente voltado para a porta, e só aí a conversa interrompida foi aos poucos retomada." (pág. 42)

Na continuidade da conversa, Gregor descobre com satisfação que entre as sobras da falência e a parte economizada do dinheiro que ele havia ganho no comércio, havia um certo pecúlio capaz de sustentar a família por uns dois anos.

"Atrás da sua porta, Gregor meneou vivamente a cabeça, satisfeito com a inesperada previdência e senso de economia. Na verdade poderia ter pago, com essa sobra de dinheiro, mais uma parte da dívida do pai ao chefe, e com isso estaria muito mais próximo o dia em que poderia se livrar do emprego; mas agora era indubitavelmente melhor assim do modo como o pai havia arranjado as coisas." (pág. 43)

No entanto, quando ele percebe que o dinheiro não daria para sustentá-los para sempre e que trabalhar representaria sacrifício excessivo para qualquer um dos três parentes, desaba: *"Quando a conversa chegava a essa necessidade de ganhar dinheiro, Gregor, se soltava da porta e se atirava sobre o frio sofá de couro que se encontra ao lado, pois ficava ardendo de vergonha e tristeza."*

Na medida em que o tempo passa, Gregor Samsa cria uma rotina:

"Freqüentemente passava noites inteiras deitado ali, sem dormir um instante, apenas arranhando o couro durante horas. Ou então não fugia ao grande esforço de empurrar uma cadeira até a janela, para depois rastejar rumo ao peitoril e, escorado na cadeira, inclinar-se sobre a janela – evidentemente em nome de alguma lembrança do sentimento de liberdade que outrora lhe dava olhar pela janela. Pois efetivamente ele enxergava dia a dia com menos acuidade as coisas mesmo pouco distantes; o hospital defronte, cuja visão freqüente demais ele antes amaldiçoava, já não estava mais ao alcance da sua vista; e se ele não soubesse exatamente que morava na calma – embora inteiramente urbana – rua Charlotte, poderia acreditar que da sua janela estava olhando para um deserto, no qual o céu cinzento e a terra cinzenta se uniam sem se distinguirem um do outro." (pág. 44)

Apenas a irmã tem contato com Gregor Samsa, sem que ela realmente se relacione com ele, já que ela não lhe dirige a palavra ou o olhar. Ela entra no quarto duas vezes por dia e durante este tempo Gregor treme sob o canapé, semi-coberto com um lençol, operação que lhe custara quatro horas de trabalho, para não se deixar ver completamente pela irmã.

"Certa vez – já havia passado bem um mês desde a metamorfose de Gregor, não existindo, pois, mais nenhum motivo especial para a irmã se espantar à vista dele – ela veio um pouco mais cedo que de costume e o encontrou quando ele ainda olhava pela janela, imóvel e portanto numa posição propícia para assustar. Se ela não houvesse entrado, não teria sido uma surpresa para Gregor, uma vez que a posição dele a impedia de abrir imediatamente a janela; mas não só ela não entrou, como também recuou e fechou a porta; um estranho poderia ter pensado que ele estivera à sua espreita porque queria mordê-la. Naturalmente ele se escondeu logo debaixo do canapé, mas teve de esperar até o meio-dia antes que a irmã voltasse, e ela parecia muito mais inquieta que de hábito. Por aí Gregor reconheceu que a visão dele continuava sendo insuportável para ela – e assim haveria de permanecer – e que seguramente ela precisava fazer um grande esforço para não sair correndo à vista mesmo da pequena parte do seu corpo que sobressaía sob o canapé." (págs. 45-46)

Por consideração à família, Gregor não se mostra à janela durante o dia e, à noite, ziguezagueia pelas paredes e pelo teto: *"era muito diferente de permanecer deitado no chão; respirava-se com mais liberdade;*

uma ligeira vibração atravessava seu corpo; e, na distração quase feliz em que Gregor lá se encontrava, podia acontecer que, para sua própria surpresa, ele se soltasse e se estatelasse no chão." Seus novos hábitos são notados por Grete:

> *"A irmã notou logo a nova diversão que Gregor havia descoberto – ao rastejar ele deixava aqui e ali vestígios da sua substância adesiva – e então ela pôs na cabeça que devia dar a Gregor a possibilidade de rastejar na extensão máxima do quarto, retirando os móveis que o obstavam, sobretudo o armário e a escrivaninha. Mas não era capaz de fazer tudo isso sozinha; o auxílio do pai ela não ousava pedir; com toda a certeza a empregada não a teria ajudado, pois essa jovem, de cerca de dezesseis anos, resistia, na verdade bravamente, desde a dispensa da antiga cozinheira, mas tinha pedido o favor de poder conservar a cozinha constantemente fechada, só precisando abri-la a um chamado especial; assim, não restou à irmã outra coisa senão ir buscar a mãe, certa vez que o pai estava ausente. A mãe veio com exclamações de excitada alegria, mas silenciou junto à porta do quarto de Gregor. Naturalmente a irmã verificou primeiro se no quarto estava tudo em ordem; só depois deixou a mãe entrar. Na maior pressa, Gregor havia puxado o lençol mais fundo e com mais dobras, o conjunto parecia de fato um lençol atirado ao acaso sobre o canapé. Também desta vez Gregor deixou de espionar de debaixo do lençol; renunciou a ver a mãe por enquanto, e ficou contente por ela ter vindo."* (pág. 48)

Gregor, escondido, ouve a conversa em que sua mãe argumenta contra retirar os móveis do quarto:

> *" – Não é como se nós mostrássemos, retirando os móveis, que renunciamos a qualquer esperança de melhora e o abandonamos à própria sorte, sem nenhuma consideração? Creio que o melhor seria tentarmos conservar o quarto exatamente no mesmo estado em que estava antes, a fim de que Gregor, ao voltar outra vez para nós, encontre tudo como era e possa desse modo esquecer facilmente o que aconteceu no meio tempo."* (págs. 49-50)

Samsa concorda alegremente, mas apenas para ouvir sua irmã, que era *"perita no novo Gregor"*, contrariar a mãe, sugerindo tirar tudo, menos o canapé. Grete acaba vencendo. As mulheres saem carregando com dificuldade os móveis e Gregor aproveita para tirar a cabeça para fora de sob o sofazinho. Entra sua mãe e ele recua, embora ela tenha percebido seu esconderijo. Outra vez sozinho, ele irrompe debaixo do móvel para tentar salvar alguma coisa já que *"elas lhe esvaziaram o quarto; privaram-no de tudo o que lhe era caro."* Tenta salvar a imagem da "dama vestida de peles", escalando a parede e comprimindo o quadro contra a barriga. Ele havia entalhado pessoalmente a moldura. Neste momento as mulheres entram no quarto e ele é imediatamente percebido por Grete.

> *"Então os olhares dela cruzaram-se com os de Gregor na parede. Sem dúvida só por causa da presença da mãe ela manteve a compostura; inclinou o rosto para a mãe a fim de evitar que esta olhasse ao seu redor e disse – seja como for, trêmula e sem refletir:*
> *- Venha, é melhor voltarmos um instante para a sala de estar.*
> *- Para Gregor a intenção de Grete era clara, ela queria pôr a mãe a salvo e depois enxotá-lo parede abaixo. Bem, que ela tentasse! Ele estava sentado em cima da sua imagem e não ia entregá-la. Preferia antes saltar no rosto de Grete.*
> *Mas as palavras de Grete haviam na verdade intranqüilizado a mãe; ela deu um passo de lado, divisou a gigantesca mancha marrom no papel de parede florido e, antes que realmente chegasse à sua consciência que o que ela via era Gregor, exclamou com voz esganiçada e áspera:*
> *- Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!*
> *Como se desistisse de tudo, ela caiu de braços abertos sobre o canapé e não se moveu.*
> *- Você, Gregor! – bradou a irmã com o punho erguido e olhos penetrantes."* (págs. 53-54)

Grete corre para a sala vizinha em busca de alguma essência para restabelecer a mãe. Gregor a segue *"como se pudesse, à maneira de antigamente, dar algum conselho à irmã."* Quando ela se vira, depois de

vasculhar uma gaveta, dá de cara com ele, se assusta e derruba um vidro que cai e quebra. Um estilhaço atinge Gregor no rosto e *“algum remédio corrosivo escorreu por ele.”* Grete foge para o quarto de Gregor com os frascos que pôde carregar e fecha a porta, isolando o irmão na sala.

> *“...agora não tinha outra coisa a fazer senão esperar; e oprimido por autocensuras e apreensão começou a rastejar – rastejou por cima de tudo, paredes, móveis, teto, e no seu desespero, quando todo o quarto começou a virar ao seu redor, caiu finalmente em cima da grande mesa.”* (pág. 54)

Neste momento, chega o pai de Gregor, encontra a casa em polvorosa, e conclui que seu filho havia feito alguma violência contra a senhora Samsa. Gregor, apavorado e apertando-se junto à porta do seu quarto, vê seu pai se aproximando e nota o contraste entre a sua postura ereta e agressiva daquele momento, com o seu estado normal de exaustão, cansaço e indiferença. No lugar das habituais vestimentas caseiras com que se arrastava pelo dia, agora usava um *“uniforme azul justo, de botões dourados, como os que usam os contínuos das instituições bancárias. No lugar do outrora penteado desgrenhado, tinha os cabelos penteados com uma risca escrupulosamente exata e luzidia.” “Era aquele ainda o seu pai?”* Gregor recua e o pai avança cuidadosa, mas decididamente sobre ele. Dão lentamente várias voltas pelo quarto. Para cada passo do pai, Gregor tinha de realizar inúmeros movimentos.

> *“Enquanto cambaleava de cá para lá, quase não mantinha os olhos abertos, a fim de reunir todas as forças para a corrida; no seu torpor não pensava em outra maneira de se salvar senão correndo; e tinha quase esquecido que as paredes estavam à sua disposição, embora aqui elas permanecessem obstruídas por móveis cuidadosamente talhados, cheios de recortes e pontas – quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao se lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Da fruteira em cima do bufê ele havia enchido os bolsos de maçãs e, por enquanto sem mirar direito, as atirava uma a uma. As pequenas maçãs vermelhas rolavam como que eletrizadas pelo chão e batiam umas nas outras. Uma maçã atirada sem força raspou as costas de Gregor mas escorregou sem causar danos. Uma que logo se seguiu, pelo contrário, literalmente penetrou nas costas dele; Gregor quis continuar se arrastando, como se a dor surpreendente e inacreditável pudesse passar com a mudança de lugar; mas ele se sentia como se estivesse pregado no chão e esticou o corpo numa total confusão de todos os sentidos. Com o último olhar ainda viu a porta do seu quarto ser escancarada e a mãe se precipitar de combinação à frente da irmã que gritava; pois a irmã a tinha aliviado das roupas para permitir que ela respirasse com liberdade enquanto estava desacordada; viu-a correr ao encontro do pai e no caminho caírem ao chão, uma a uma, as saias desapertadas; e viu quando ela, tropeçando nas saias, chegou até o lugar onde o pai estava e, abraçando-o, em completa união com ele – mas nesse momento a vista de Gregor já falhava -, pediu, com as mãos na nuca do pai, que ele poupasse a vida de Gregor.”* (págs. 57-58)

III

> *“O grave ferimento de Gregor, que o fez sofrer mais de um mês – a maçã ficou alojada na carne como uma recordação visível, já que ninguém ousou removê-la -, parecia ter lembrado ao pai que Gregor, a despeito de sua atual figura triste e repulsiva, era um membro da família que não podia ser tratado como um inimigo, mas diante do qual o mandamento do dever familiar impunha engolir a repugnância e suportar, suportar e nada mais.*
>
> *E embora por causa da ferida Gregor agora tivesse perdido, provavelmente para sempre, algo da sua mobilidade e no momento precisasse de longos, longos minutos para atravessar o quarto, como um velho inválido de guerra – rastejar pelo alto estava fora de*

> *cogitação -, ele recebeu, por essa deterioração do seu estado, uma compensação a seu ver inteiramente satisfatória, no sentido de que todos os dias ao anoitecer a porta para a sala de estar, que uma ou duas horas antes costumava observar atentamente, era aberta de tal forma que, deitado na escuridão do seu quarto, invisível da sala de estar, ele podia ver a família toda à mesa iluminada e escutar suas conversas, de certo modo com a permissão geral, ou seja, de uma maneira totalmente diversa da anterior.”* (págs. 59-60)

A família de Gregor havia mudado. O pai, que começava o dia às seis horas da manhã, não tirava o uniforme de funcionário, cochilando *“na sua cadeira inteiramente vestido, como se estivesse sempre pronto para o serviço e aguardasse também aqui a voz do superior.”* Reinava o silêncio na maior parte do tempo e as atenções das mulheres eram para seus trabalhos - a mãe costurava finas roupas para uma loja e Grete conseguira um emprego diurno como vendedora e à noite estudava estenografia e francês na Aliança Francesa de Praga - e para atender o velho.

> *“Quem nessa família sobrecarregada e exausta tinha tempo para se ocupar de Gregor mais que o absolutamente necessário? A economia doméstica tornou-se cada vez mais restrita; a empregada foi afinal despedida; uma faxineira imensa, ossuda, de cabelo branco esvoaçando em volta da cabeça, vinha de manhã e à noitinha para fazer o trabalho mais pesado; a mãe cuidava do resto, além de toda a costura. Aconteceu até que diversas jóias da família, que a mãe e a irmã antes tinham usado com o maior dos júbilos em festas e solenidades, foram vendidas, como Gregor ficou sabendo uma noite ao ouvir a discussão geral sobre os preços alcançados. Mas a maior de todas as queixas era sempre o fato de que não se podia deixar o apartamento – grande demais para as atuais necessidades -, uma vez que não era possível imaginar como Gregor seria removido. Gregor porém logo compreendeu que não era apenas a consideração para com ele que impedia uma mudança, já que poderia ser facilmente transportado numa caixa adequada com alguns furos de ventilação; o que detinha a família de uma troca de casa era principalmente a total falta de esperança e o pensamento de que tinha sido atingida por uma desgraça como mais ninguém em todo o círculo de parentes e conhecidos. O que o mundo exigia de gente pobre, eles cumpriam até o ponto extremo: o pai ia buscar o café da manhã para os pequenos funcionários do banco, a mãe se sacrificava pelas roupas de baixo de pessoas estranhas, a irmã corria de lá para cá atrás do balcão ao comando dos fregueses, mas as energias da família não iam mais longe que isso. E a ferida nas costas de Gregor começou a doer de novo, como se fosse recente, quando, depois de terem ido levar o pai para a cama, a mãe e a irmã voltaram, puseram de lado o trabalho, aproximaram suas cadeiras e ficaram sentadas já de rosto colado – instante em que a mãe, apontando para o quarto de Gregor, disse:*
> *- Feche aquela porta, Grete.*
> *Aí Gregor ficou outra vez no escuro, enquanto do outro lado da porta as mulheres misturavam suas lágrimas ou fitavam a mesa com os olhos secos.”* (págs. 62-63)

Gregor passa os dias sem sono, ocupando-se de lembranças de sua família, de seu emprego e até da moça de uma loja de chapéus, que *“ele havia cortejado seriamente, mas devagar demais.”* Quando os pensamentos se desvaneciam, *“sentia-se simplesmente cheio de ódio pelo mau tratamento e, embora não pudesse imaginar nada que lhe despertasse o apetite, fazia no entanto planos sobre como poderia chegar à despensa para ali pegar tudo o que lhe era devido, mesmo que não tivesse fome.”* Sua irmã, antes de sair para o trabalho de manhã e à tarde, *“empurrava com o pé para dentro do quarto, na maior pressa, uma comida qualquer, para ao anoitecer, não importa se esta tinha sido apreciada ou – caso mais freqüente – sequer tocada, arrastá-la para fora com uma vassourada.*” O quarto não era mais limpo ou arrumado; *“aqui e ali havia novelos de pó e lixo”... “Grete via a sujeira exatamente como ele, mas havia decidido deixá-la.”* Certa vez a mãe, na ausência de Grete, submete o quarto a uma grande limpeza, com baldes de água e tudo. Ao chegar, à noite, e descobrir a faxina, Grete rompe num acesso de choro a que os pais assistem perplexos. A novidade é que a nova faxineira, que tem o hábito de bater portas, não tem repulsa por Gregor

e *“de manhã e à noitinha, nunca perdia a oportunidade de abrir um pouco a porta e espiar rapidamente Gregor.”*

> *“No começo ela também o chamava ao seu encontro, com palavras que provavelmente considerava amistosas, como ‘venha um pouco aqui, velho bicho sujo!’ ou ‘vejam só o velho bicho sujo!’. A chamados desse tipo Gregor não respondia nada, mas ficava imóvel no seu lugar, como se a porta não tivesse sido aberta. Se em vez de deixar essa faxineira perturbá-lo inutilmente, segundo o capricho do momento, eles tivessem ordenado que ela limpasse todos os dias o seu quarto! Certa vez, de manhã cedo – uma chuva violenta batia nas vidraças, talvez já um sinal da primavera que chegava -, quando a faxineira começou de novo a usar suas expressões, Gregor ficou tão exasperado que, embora lento e débil, se voltou para ela, como que preparado para o ataque. Mas a faxineira, ao invés de sentir medo, simplesmente ergueu para o alto uma cadeira que se achava perto da porta e, pela maneira como ficou ali, a boca bem aberta, mostrou claramente a intenção de só fechá-la quando a cadeira na sua mão tivesse desabado sobre as costas de Gregor.*
> *- E então, não vai continuar? – perguntou, enquanto Gregor se virava outra vez e ela recolocava a cadeira calmamente no canto.”* (págs. 65-66)

Gregor agora não come quase mais nada. Como o quarto de Grete fora alugado a três inquilinos barbudos, que tinham trazido o próprio mobiliário, alguma tralha havia sido depositada no seu quarto, além da lata de lixo da cozinha. *“Agora, a faxineira, que estava sempre com muita pressa, simplesmente arremessava ao quarto de Gregor o que não era usado no momento”* e as coisas permaneciam no lugar onde tinham sido atiradas.

> *“ ... – isso quando Gregor não se locomovia no meio do entulho e as punha em movimento, a princípio forçado, porque não havia nenhum outro espaço para rastejar, mais tarde porém com satisfação crescente, embora depois dessas caminhadas, triste e morto de cansaço, não se movesse novamente durante horas”* (pág. 67)

Como os inquilinos às vezes jantavam em casa, a porta da sala permanecia fechada várias noites. A família mesmo comia na cozinha. Uma noite em que a porta foi esquecida aberta, Gregor ouve os ruídos dos inquilinos mastigando e diz a si mesmo: *“Eu tenho apetite, sim, mas não por essas coisas. Como se alimentam esses inquilinos, e eu aqui morrendo!”*

Nesta noite, Grete faz um concerto na ante-sala para os hóspedes que ouvem com desinteresse e formalidade. Gregor vai aos poucos se aproximando da sala, incomodado com a indiferença dos ouvintes à música de Grete: *“Estava decidido a chegar até a irmã, puxá-la pela saia e com isso indicar que ela devia ir ao seu quarto com o violino, pois ninguém aqui apreciava sua música como ele desejava fazer.”* Gregor queria contar a sua irmã que *“tivera a firme intenção de mandá-la ao conservatório e que, se nesse meio tempo não houvesse acontecido a desgraça, teria contado isso a todos no Natal passado – será mesmo que o Natal já tinha passado?”*

Gregor é visto por um dos inquilinos que não se demonstram muito impressionados. As mulheres se descontrolam, a reunião acaba e os hóspedes são empurrados pelo senhor Samsa para o quarto deles. Os inquilinos, indignados, rescindem o contrato de locação e anunciam que não pretendem pagar o aluguel dos poucos dias que lá estavam.

A família reúne-se depois do incidente, a mãe ofegante e o pai caído na cadeira. Gregor está estático no local onde fora surpreendido.

> *“ – Queridos pais – disse a irmã e como introdução bateu com a mão na mesa -, assim não pode continuar. Se vocês acaso não compreendem, eu compreendo. Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos*

> *tentar nos livrar dele. Procuramos fazer o que é humanamente possível para tratá-lo e suportá-lo e acredito que ninguém pode nos fazer a menor censura.*
> *- Ela tem mil vezes razão – disse o pai consigo mesmo.*
> *A mãe, que ainda não podia respirar direito, começou a tossir, em som surdo, na mão espalmada, com uma expressão alucinada nos olhos.*
> *A irmã correu até a mãe e segurou-lhe a testa. O pai, que através da irmã parecia ter chegado a pensamentos mais definidos, havia se sentado em posição ereta e ficou brincando com o quepe de funcionário entre os pratos do jantar dos inquilinos que ainda jaziam sobre a mesa; de vez em quando olhava para Gregor, que estava quieto.*
> *- Precisamos tentar nos livrar disso – disse então a irmã exclusivamente ao pai, pois a mãe não ouvia nada com a tosse. – Isso ainda vai matar a ambos, eu vejo esse momento chegando. Quando já se tem de trabalhar tão pesado, como todos nós, não é possível suportar em casa mais esse eterno tormento. Eu não agüento mais.*
> *E rompeu no choro tão violentamente que suas lágrimas escorreram sobre o rosto da mãe, que as limpava com movimentos mecânicos de mão.*
> *- Filha – disse o pai, compassivo e com evidente compreensão. – Mas o que devemos fazer?"* (págs. 74-75)

A discussão do que fazer com Gregor continua: *"É preciso que isso vá para fora – exclamou a irmã, é o único meio, pai. Você simplesmente precisa se livrar do pensamento de que é Gregor. Nossa verdadeira infelicidade é termos acreditado nisso até agora."*

Gregor faz um movimento e Grete corre assustada para trás do pai, *"como se preferisse sacrificar a mãe a ficar perto de Gregor."* Gregor só estava querendo girar o corpo para voltar a seu quarto. Quando finalmente consegue, após lento esforço, ouve a porta fechando-se atrás de si e a chave girando na fechadura. Sua irmã grita para os pais: *"Finalmente"*.

> *" – E agora? – pensou Gregor consigo mesmo e olhou ao redor na escuridão.*
> *Logo descobriu que não podia absolutamente mais se mexer. Não se admirou com esse fato, pareceu-lhe antes pouco natural que até agora tivesse conseguido se movimentar com aquelas perninhas finas. No restante sentia-se relativamente confortável. Na realidade tinha dores no corpo todo, mas para ele era como se elas fossem ficar cada vez mais fracas e finalmente desaparecer por completo. A maçã apodrecida nas suas costas e a região inflamada em volta, inteiramente cobertas por uma poeira mole, quase não o incomodavam. Recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele ainda vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco o último fôlego."* (pág. 78)

A faxineira chega de manhã, e, ao ver Gregor imóvel, tenta fazer cócegas nele com uma vassoura. Sem obter reações, a faxineira grita para a família: *"Venham ver só uma coisa, ele empacotou; está lá empacotado de uma vez."* O cadáver de Gregor estava magro, plano e seco.

Acorrem ao quarto de Gregor o pai com a coberta sobre os ombros e a mãe só de camisola. Na porta da sala de estar, onde Grete dormia desde a chegada dos inquilinos, estava *"Grete completamente vestida, como se não tivesse dormido nada."* Enquanto pai, mãe e filha saem para confabular no quarto de dormir do casal, a faxineira exibe o corpo para os inquilinos que estavam aborrecidos porque ninguém lhes havia feito café, apesar de terem rompido o contrato na noite anterior. A família dá com eles e o senhor Samsa os expulsa sumariamente de casa.

> *"Decidiram dedicar o dia ao repouso e ao passeio; não só mereciam, como também necessitavam absolutamente dessa interrupção no trabalho. E assim sentaram-se à mesa*

para escrever três cartas de desculpa, o senhor Samsa à direção do banco, a senhora Samsa ao seu empregador e Grete ao proprietário da loja. Enquanto escreviam, entrou a faxineira para dizer que ia embora, pois o seu trabalho da manhã havia terminado. A princípio os três simplesmente menearam a cabeça, sem erquer os olhos; só quando a faxineira não fez menção de se afastar é que eles olharam irritados para ela.

- E então? – perguntou o senhor Samsa.

A faxineira estava junto à porta, sorridente, como se tivesse de anunciar à família uma grande boa notícia, mas só o faria se interrogada a fundo. A pequena e reta pena de pavão em cima do seu chapéu, com a qual o senhor Samsa já se irritara durante todo o seu tempo de serviço, balançava leve em todas as direções.

- O que é que a senhora está querendo? – perguntou a senhora Samsa, pela qual a faxineira ainda tinha o máximo respeito.

- Ah, sim – respondeu a faxineira, que por causa do riso amigável não pôde continuar falando. – A senhora não precisa se preocupar com o jeito de jogar fora a coisa aí do lado. Já está tudo em ordem.

A senhora Samsa e Grete inclinaram-se sobre suas cartas, como se quisessem continuar escrevendo; o senhor Samsa, percebendo que a faxineira queria agora começar a descrever tudo em minúcia, repeliu isso decididamente com a mão esticada. Já que não tinha permissão para contar, a faxineira se lembrou de que estava com muita pressa e, obviamente ofendida, exclamou:

- Até logo para todos.

Virou-se selvagemente e deixou o apartamento em meio a um formidável bater de portas.

- Hoje à noite ela será despedida – disse o senhor Samsa, mas não obteve resposta nem da mulher, nem da filha, pois a faxineira parecia ter perturbado a tranqüilidade que mal tinham reconquistado. As duas se levantaram, foram até a janela e lá ficaram, mantendo-se abraçadas. O senhor Samsa virou-se para elas da sua cadeira e ficou observando-as em silêncio por um momento. Depois bradou:

- Agora venham aqui. Parem de pensar no que passou. E tenham um pouco de consideração por mim.

As mulheres obedeceram logo, correram para ele, acariciaram-no e terminaram rápido suas cartas.

Depois os três deixaram juntos o apartamento, coisa que não faziam havia meses, e foram de bonde elétrico para o ar livre no subúrbio da cidade. O bonde em que ficaram sentados sozinhos estava totalmente iluminado pelo sol cálido. Recostados com conforto nos seus bancos, conversaram sobre as perspectivas do futuro, descobrindo que, examinadas de perto, elas não eram de modo algum más, pois os três tinham empregos muito vantajosos e particularmente promissores – sobre os quais, na verdade, nunca tinham feito perguntas pormenorizadas um ao outro. É claro que a grande melhora imediata da situação viria, facilmente, da mudança de casa; eles agora queriam um apartamento menor e mais barato, mas mais bem situado e sobretudo mais prático do que o atual, que tinha sido escolhido ainda por Gregor. Enquanto conversavam assim, ocorreu ao senhor e à senhora Samsa, quase que simultaneamente, à vista da filha cada vez mais animada, que ela – apesar da canseira dos últimos tempos, que empalidecera suas faces – havia florescido em uma jovem bonita e opulenta. Cada vez mais silenciosos e se entendendo quase inconscientemente através de olhares, pensaram que já era tempo de procurar um bom marido para ela. E pareceu-lhes como que uma confirmação dos seus novos sonhos e boas intenções quando, no fim da viagem, a irmã se levantou em primeiro lugar e espreguiçou o corpo jovem." (págs. 83-85)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são da edição "A Metamorfose" da Editora Companhia das Letras, 2004, São Paulo, 15ª. reimpressão, tradução de Modesto Carone).